



TEA FEMININO EXISTE?

UMA BREVE ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DA VERDADE

Ana Cristina Fricke Matte¹

¹UFMG/Faculdade de Letras/Grupo Texto Livre, anacrisfm@ufmg.br

Resumo: Segundo a Semiótica Discursiva, a construção da verdade se dá pela operação de uma função, a da Veridicção, sobre o texto, a qual, a partir do ponto de vista de um observador que articula o saber e o parecer, determina o que é verdade, mentira, falsidade e segredo em cada texto. O trabalho de análise foca um texto publicado na rede social Instagram, o qual discorre sobre o crer e o saber no que tange ao TEA como uma questão de gênero.

Palavras-chave: semiótica discursiva, construção da verdade, Transtorno do Espectro autista, gênero, binarismo, invisibilidade.

1. Introdução

Segundo a Semiótica Discursiva, a verdade é uma construção languageira, dependente da verossimilhança e do quadro de valores em que se insere o observador que o texto sugere como fonte do ponto de vista construído no texto. Como contraponto, a noção do senso comum assume que verdade pode ser provada e que, basicamente, o princípio da prova adviria, primeiro, dos sentidos do indivíduo, ou seja, o que se vê é verdadeiro. Conforme muitas teorias, não somente a semiótica aqui adotada, o que se vê também é interpretado, o que significa que a tudo que se percebe é mediado pela linguagem.

A fim de discutir a construção da verdade, apresentamos aqui, de forma resumida, uma análise de um texto produzido para redes sociais acerca da invisibilidade do autismo em mulheres.



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

2. Veridicção

A Veridicção é a parte da Semiótica, especificamente do Nível Discursivo, que trabalha com a construção da verdade no texto. “Analisar a veridicção num texto é obter informações sobre o que o observador interno ao texto percebe como verdade, mentira, segredo ou falsidade.” (Matte, 2024, livro II, p. 153). Essas classificações resultam de uma função que relaciona o modo de imanência ao modo de manifestação. O modo de imanência verifica a essência do *ser*: em relação a um estado, afirma ser ou não ser aquilo que se pretende que seja. Já o modo de manifestação é o do *parecer*: a forma com que a ideia é concretizada na comunicação, aquilo com que se *parece*. Em suma, a Veridicção trata do ponto de vista do texto, podendo revelar camadas diferentes da construção do sentido de verdade. Como explicado em Matte (2024, livro I, p. 125), a “Veridicção refere-se ao ponto de vista que o Enunciador aplica ao textos (não necessariamente o dele próprio, que é, para este fim, praticamente irrelevante)”, já que o texto pode defender carregar mais de um ponto de vista, englobando mais de uma construção veridictória.

São basicamente 3 as questões a serem respondidas para a análise da Veridicção: Para quem? É? Parece?

4. TEA feminino

Analisaremos aqui um texto publicado em 25/3/25 na rede social Instagram, o qual discorre, em formato de diálogo, sobre o crer e o saber no que tange ao TEA como uma questão de gênero.

O nosso texto-objeto restringe-se à autoria que encabeça o post e à seguinte sequência verbal:

Renata Teixeira Autista e Psicóloga. @renatautista.psi
Menino de 4 anos: ... Autista!

Grupo de Pesquisa Texto Livre	Belo Horizonte	v.1	n.19	2025.1	e-ISSN: 2317-0220
Realização:	Apoio:	Produção:			
					



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

Menina de 4 anos: ... só é tímida
Menino de 16 anos: ... Autista!
Menina de 16 anos: ... deve ser ansiedade!
Menino de 20 anos: ... Autista!
Menina de 20 anos: ... deve ser depressão ou bipolar!
Menino de 25 anos: ... Autista!
Menina de 25 anos: ... Autista. Mas provavelmente é um diagnóstico falso, só quer atenção.

4. Análise e Interpretação dos Dados

Numa primeira leitura, observamos que: a) nesse texto há uma divisão binária de gênero: ou é menina, ou é menino; b) o texto conta que o Diagnóstico de Autismo é aceito mais facilmente no gênero masculino do que no feminino; c) o texto é dialógico: ele dimensiona um provável “eu” face a diferentes reações sociais; d) basicamente, quanto à aceitação da condição, há duas relações diretas: [menino, aceitação] e [menina, negação].

A verdade neste texto é construída na relação entre um quadro de valores (i), que concebe o autismo como uma condição essencialmente masculina, e outro (ii) que assume que as mulheres podem estar no espectro, mas isso é mais invisível do que nos homens. São duas vozes opostas, por isso cabe mencionar o dialogismo (Fiorin; Barros, 1994). Além destas duas, existe mais uma voz que é calada pelo texto, a voz da pessoa não-binária, que, infelizmente, foge aos propósitos da presente análise.

O primeiro ponto a notar é que a voz do observador (a) está expressa no texto-objeto: são as respostas que o texto sugere à apresentação de uma pessoa no espectro dadas por esse possível observador. Estritamente no conteúdo do post, temos dois atores, o que pergunta e o que responde. Este último ator é o que chamaremos de protagonista, uma voz que não crê em diagnóstico de autismo em mulheres. O observador ocupa um lugar textualmente oculto nesse conteúdo, mas está figurativizado pela Renatautista.psi pelas características que, corroborado pela



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

imagem de perfil, seu nome explicita: gênero feminino, pessoa no espectro. Desse modo, concluímos que o observador é aquele que o protagonista nega.

A primeira pergunta que devemos fazer é: quem é o observador instalado no texto? E já temos a resposta: é a figura da Renataautista, fêmea humana no espectro autista.

Segundo o texto, existe uma diferença de tratamento às pessoas no espectro conforme sejam do gênero masculino ou do gênero feminino, o que não melhoraria com a idade. Enquanto esse protagonista e seus valores não veem problema em perceber o autismo no gênero masculino, mas não conseguem percebê-lo em pessoas do gênero feminino. Para este, autista é uma totalidade que não precisa ser descrita nem analisada, no caso dos meninos. Podemos deduzir isso pela observação da repetição da resposta dada aos meninos. Segundo ele, portanto, a verdade é que não existe autismo em mulheres.

Para o observador-renatautista o autismo em mulheres parece e é verdade. Parece-nos que explicitar a voz que o nega é uma forma de colocar sua própria voz no cálculo, mesmo que não textualize: “existem sim, mulheres autistas“. Enquanto a identidade do observador-autista-feminino é o que lhe permite opor-se aos valores do protagonista, a identidade deste é genérica, qualquer um poderia colocar-se neste lugar.

Isso nos permite compreender uma parte não expressa do quadro de valores do protagonista: se qualquer um pode pensar isso, provavelmente muitos pensam. E nesse aspecto o observador-renatautista não destoa do protagonista.

Nota-se que a diferença entre esses dois pontos de vista não é exatamente que o diagnóstico de autismo depende do gênero do diagnosticado, mas que, num deles, o gênero é um fator para o diagnóstico e, no outro, não é.



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

5. Conclusão

Desconsiderando-se a voz calada, sobre a qual comentei na Introdução do presente artigo, a comparação feita no texto tem como objetivo transformar a falsidade do diagnóstico de TEA para mulheres em uma verdade igualável àquela do diagnóstico de TEA para homens.

A análise da função veridictória operante no texto aponta para essa crítica, que busca desmistificar o diagnóstico feminino do espectro, pois coloca uma verdade – quadro de valores que diz que autismo feminino é verdade: ser + parecer) a negar a outra (quadro de valores que diz que autismo feminino é falsidade: não ser + não parecer). O extremo das opiniões, em que o que é verdade para uma é falsidade para a outra, coloca essa polêmica em um campo conflituoso, com prejuízo sensível às mulheres no Transtorno do Espectro Autista.

Referências

FIORIN, José Luiz; BARROS, Diana Luz Pessoa de (Org.) . Dialogismo, polifonia e intertextualidade. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

MATTE, Ana Cristina Fricke. Árvore das Categorias de Análise Semiótica vol. I – Balizas teóricas. Coleção Texto Livre: Pensemeando o Mundo: Tomo VII. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024-I. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/arvore-das-categorias-de-analise-semiotica-volume-i-balizas-teoricas/>. Acesso em 23 nov. 2024.

MATTE, Ana Cristina Fricke. Árvore das Categorias de Análise Semiótica vol. II – Drops conceituais. Coleção Texto Livre: Pensemeando o Mundo: Tomo VIII. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024-II. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/arvore-das-categorias-de-analise-semiotica-volume-ii-drops-conceituais/>. Acesso em 23 nov. 2024.



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição - Compartilha Igual (CC BY-SA- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.